

## **ATÉ QUANDO VAMOS CONTINUAR NOS MATANDO?**

Por: Eng. Jose Starosta; MSc – Diretor de Engenharia da Ação Engenharia e Instalações

Crescemos com elas, nos habituamos a conviver com elas, muitas vezes não percebemos que estão bem próximas, às vezes em nossos narizes, às vezes ocultas. Talvez sejam mais frequentes até que as notícias sobre políticos em atos de corrupção (...é talvez!). Sim, estamos falando de Sua Excelência a “GAMBIARRA”.

O termo originariamente aplicado para identificar os circuitos dependurados nas estruturas que servem para alimentação das lâmpadas nos circos, passou a ser utilizado de forma geral na nossa língua portuguesa como alguma coisa improvisada.

O Aurélio a considera em uma de suas definições: *“Rampa de luzes e/ou refletores, de cores variadas, situada ao lado de outras, ou na parte anterior do urdimento, acima da ribalta, ou no teto da platéia, a alguns metros de distância do palco”*

O google tem aproximadamente 140.000 citações bem humoradas, e outras até surpreendentes; mas o que pretendemos abordar aqui é o lado trágico deste assunto.

As fotos que ilustram este texto são de duas instalações localizadas em distintas praias do litoral brasileiro e não são diferentes de outras centenas de situações semelhantes.

Na situação 1 observa-se que em principio houve a “intenção” de se fazer a coisa certa. Sem entrarmos em pormenores na adoção de especificação de materiais e acabamentos, o circuito instalado em eletroduto fixado ao poste de eucalipto ao menos não está com os condutores expostos, não existindo também emendas expostas.



Ilustração da “situação 1”

O que se pode notar é que no “segundo movimento” da mesma instalação a coisa literalmente degradingolou. Verdadeiros artistas cortaram o eletroduto pouco antes da caixa que abriga o interruptor para acesso aos condutores do circuito, dando início a um montão de bobagens, culminado com a passagem dos visíveis (e risíveis) amontoado de “eletrodutos” flexíveis espalhados pela vizinhança além da passagem da fiação de som (a capa verde da foto, esta cobrindo uma caixa de som) no mesmo invólucro que os circuitos de corrente alternada. Enfim um festival de insanidades executado por alguém que no mínimo deve ter passado boas horas no bar das proximidades antes de conceber e executar tal “serviço”.

A situação 2, de execução mais simples que a primeira foi executada em uma instalação provisória para um evento (como se existisse o acidente provisório).

O que se nota além da fiação exposta (em alguns pontos montada com “fio paralelo”), são emendas também expostas muito próximas as estruturas metálicas das barracas em que a instalação foi executada e pretende iluminar. A ocorrência de uma falha nesta isolamento e a barraca ficará energizada, a menos que na origem do circuito tivesse um DR; eu duvido.



Ilustração da situação 2

A resposta natural para estas questões seria o envolvimento das autoridades ligadas aos poderes públicos municipais. Pessoalmente perdi as esperanças sob este aspecto. São raras as prefeituras que tem em seus quadros profissionais formados na área e que de fato tem atuação de alguma forma na fiscalização das instalações elétricas locais, como as ilustradas.

Entendo que cabem aqueles que se sentem parte do que chamamos no Brasil de "área de instalações elétricas" este trabalho de informação e conscientização da sociedade. Enquanto as estatísticas continuarem a crescer, nossa incompetência crescerá simultaneamente.

Temos elementos de informação para divulgar estes absurdos e acima de tudo treinar todos os envolvidos. As técnicas e materiais de boa procedência e qualidade estão disponíveis para serem aplicados.

Só a mobilização da sociedade esclarecida reduzira estas ocorrências. Os órgãos de fiscalização continuarão se aproximando dos problemas quando a "Inês é morta", e morta mesmo.